

EPISTOLÁRIOS E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

A CORRESPONDÊNCIA DE JOÃO PENHA

ELSA PEREIRA*

Resumo: Graças à sua natureza híbrida, oscilando entre vida e literatura, as cartas trocadas por escritores assumem um valor documental inestimável, não só na preservação da memória biográfica do autor, como no auxílio ao estudo da génese de uma obra literária, conforme salientado por Gérard Genette. O caso de João Penha (*1839 †1919) é exemplo paradigmático, pois a investigação sobre o vate bracarense beneficia sobremaneira com a leitura da correspondência. As cartas por si trocadas constituem testemunhos explícitos das ideias do homem e do poeta, mas sobretudo fontes indirectas de informação sobre a sua Obra, permitindo contextualizar o itinerário de criação e assim enriquecer a edição crítica.

Palavras-chave: Correspondência; biografia; literatura; genética.

Abstract: Due to their hybrid nature, moving back and forth between life and literature, the letters exchanged by writers constitute valuable documents, not only preserving the biographic memory of their author, but also providing raw material for textual scholars, as already stated by Gérard Genette. The legacy of João Penha (*1839 †1919) may be considered a good example, since the studies on this poet have greatly benefited from the use of his correspondence. The letters exchanged by Penha represent not only explicit testimonies of his ideas as a man and as an artist, but are also indirect sources on his work, contextualizing the paths of literary creation and thus enriching critical edition.

Keywords: Correspondence; biography; literature; genetics.

Na apresentação a uma conhecida coletânea de correspondência, vinda a lume nas últimas décadas, Manuela Parreira da Silva observava:

a carta não cumpre integralmente o seu destino só por ter cumprido a função de levar uma mensagem ao destinatário. Ela permanece, à maneira também de uma fotografia. Ela é também, nesta medida, um «documento autêntico», testemunho da existência real do escritor e testemunho de um espaço e de um tempo físicos, históricos, inquestionáveis (SILVA, 1996: 16).

Percorrer o epistolário de um escritor é pois também uma forma de recuperar essa memória do futuro (ou «lugar possível do diálogo») de que falava Ricardo Piglia, num dos seus romances premiados (PIGLIA, 1987: 28).

Todavia, a carta constitui, antes de mais, um documento híbrido, situado algures entre a *vida* e a *literatura*, como observou Alain Buisine no prefácio ao número que a *Revue des Sciences Humaines* dedicou à correspondência de escritores:

avec la lettre on ne saura plus jamais où on en est, encore dans la vie ou déjà dans le texte, de toute façon dans cet 'entre' de la biographie et de la littérature qui dérègle toutes les oppositions et les assinations (BUISINE, 1984).

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto/investigadora do CITCEM. Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/41413/2007).

** Todos os textos apresentados neste artigo serão citados *ipsis verbis*, seguindo a grafia original.

Por isso, não é de estranhar o modo hesitante como estes escritos foram sendo encarados ao longo dos tempos, tanto pelos próprios epistológrafos¹, como entre os teóricos dos estudos literários. Particularmente durante o séc. XIX e até ao início do século XX, a predominância dos ideais românticos do Génio favoreceu a publicação de colectâneas de correspondência; de tal maneira que Casais Monteiro chegava a advertir, em 1934:

Parece que hoje, mais do que nunca, o público letrado, e até o que não é letrado, se lançam apaixonadamente à leitura dos diários íntimos, correspondências e memórias, dos escritores [...]. Dir-se-ia até que tal apaixonado interesse vai, para lá do artista e do escritor, incidir sobre o homem, fazendo mesmo esquecer a obra para unicamente pôr em destaque as preocupações e os gostos, os tics e as manias, os vícios e as virtudes, a biografia do homem (MONTEIRO, 1934: XI).

Se o surgimento das teorias imanentes (do Formalismo ao New Criticism) resultou, temporariamente, na absoluta desvalorização da biografia, e consequentemente dos documentos privados de um autor, a abordagem predominante nos últimos anos tem evoluído para um novo equacionamento da relação entre o texto e o *sujeito da escrita*, com a reabilitação documental da correspondência, tanto no apuramento biográfico do perfil autoral, como no auxílio à análise literária:

Les grandes correspondances que les écrivains du xix^e et xx^e siècle ont tenues avec beaucoup d'assiduité nous donnent à entendre le discours de l'écrivain sur lui-même et sur la littérature telle qu'il la pratique et qu'il la vit (DIAZ, 2011).

Neste sentido, as cartas trocadas por um escritor podem ser altamente reveladoras, pois clarificam e aprofundam o olhar, fornecendo uma série de informações para a compreensão do escritor e da sua Obra.

O exemplo de João Penha (*1839 †1919) é, neste sentido, paradigmático, e o seu epistolário constitui um valioso repositório para os investigadores. Guardado no Arquivo Distrital de Braga desde 1934², este compreende cerca de 4000 documentos, maioritariamente relativos à correspondência recebida, o que permite, antes de tudo, auscultar a rede de contactos pessoais em que o autor se movia.

Grande parte dessas cartas foi remetida pelos seus mais fiéis amigos no mundo das letras³: Antero de Figueiredo (responsável por metade das missivas) e Joaquim de Araújo, na condição ímpar de agente dinamizador da cultura portuguesa na Europa e director de várias publicações. Como se depreende da correspondência trocada com o discípulo penafidense, foi este aliás o grande divulgador de Penha no estrangeiro, providenciando

¹ Para um enquadramento desta questão, vd. ROCHA, 1985 e BOSSIS *et al.*, 1990.

² A compra do espólio às irmãs de João Penha concretizou-se em Fevereiro de 1934, quando o director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, Alberto Feio, propôs a transacção (no valor de 2.800\$00) ao presidente da Junta Geral do Distrito de Braga. Vd. ADB, *Arquivo Administrativo*, lv. 77, a. 1934, of. 5.º -7, 9, 10, 17.

³ É o próprio Antero de Figueiredo quem se refere a J. Penha como o seu «mais certo amigo (para não dizer o unico) [...] nas letras» – ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 551, f. 94-95. Também Joaquim de Araújo se refere ao poeta como um dos homens mais prezados por si e o único a quem chamava «mestre» – ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç. 9, f. 82.

artigos, recensões e traduções em vários países europeus. A este diplomata português se devem, na verdade, as relações do nosso autor com cerca de uma dezena de lusófilos estrangeiros, que surpreendemos no seu epistolário: o sueco Göran Björkman, o alemão Wilhelm Storck, os franceses Achille Millien e René Ghil, o inglês Edgar Prestage, o espanhol Rafael d'Altamira e os italianos Prospero Peragallo, Antonio Padula, Tomaso Cannizaro e Belli di Leonardi.

Embora essas relações estrangeiras assentassem exclusivamente em contactos superficiais, mediados por Araújo⁴, a leitura global do espólio convence-nos, pelo contrário, do enorme poder de sedução sobre todos os que privavam directamente com o escritor, destacando-se aí a grande deferência pelo poeta e sua vasta erudição⁵.

Se há coisa que ressalta deste vasto acervo é pois o marcante ascendente que Penha exercia não apenas no grupo dos companheiros em Coimbra, mas sobre todos aqueles que para Braga continuaram a submeter versos ao exigente lápis do «nervoso mestre, domador valente/ da Rima e do Soneto português»⁶. Entre as missivas que o testemunham, sobressaem nomes como Antero de Figueiredo⁷, Alberto de Madureira⁸, Manuel Duarte de Almeida⁹, Luís da Silva¹⁰, Albano Belino¹¹, Guerra Junqueiro¹² e mesmo Antero de Quental, que ainda nos tempos d' *A Folha* autorizara o director da revista coimbrã a corrigir versos para aí submetidos¹³. A todos, João Penha pregava incansavelmente o mesmo culto da forma, descrito em termos quase místicos numa carta publicada por Albino Forjaz de Sampaio¹⁴, e aqui reiterado a Antero de Figueiredo:

Sem uma fôrma absolutamente correcta nada fica – tenho-o berrado como um cabrito, e hei-de continuar a berrá-lo ate ao fim da existencia (BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(31)).

Com esta veemente recomendação se dirigia o poeta ao seu melhor amigo, em documento guardado na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Efectivamente, é sobretudo

⁴ Vd. e.g. BNMV, *Carteggio Araujo*, Ms. 12242, carta n.º 12, datada de 5-II-1902. A este propósito, veja-se uma outra missiva, onde o cônsul português confessava ser o verdadeiro autor da recensão à *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, que a *Revista Critica* de D. Raphael Altamira publicara em Madrid – ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç. 9, f. 122-123. De resto, o empenho de Joaquim de Araújo em se autopromover, favorecendo a imagem dos amigos pessoais no estrangeiro, foi também desmascarado na imprensa periódica da altura. Vd. artigos «Portugal no Estrangeiro» (ANÓN., 1893).

⁵ Vd. testemunho de Luís de Andrade, que já em 1876 considerava Penha um dos homens com educação mais vasta e completa – ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 547, mç. 8, f. 4-5.

⁶ O epíteto é de Gonçalves Crespo, no soneto «João Penha» (CRESPO, 1913: 293-294).

⁷ Numerosas cartas aludem à revisão de João Penha, em praticamente todas as obras deste autor: BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1134(2), M-AF-1144(1), M-AF-1144(29), M-AF-1144(31), M-AF-1157(1), M-AF-1157(4), M-AF-1157(5), M-AF-1162(9), M-AF-1162(10), M-AF-1169(8), etc.

⁸ ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç. 12, f. 4, f. 30, f. 32, f. 54; Ms. 554, mç. 1, f. 98-99; Ms. 554, mç. 3, f. 19-20; etc.

⁹ ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 547, mç. 5.

¹⁰ ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 555, mç. 1, f. 179.

¹¹ ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 556, mç. 4, f. 9.

¹² Em carta remetida a Araújo, J. Penha confidencia que Junqueiro ter-se-á deslocado ao Minho para lhe submeter as provas da sua *Oração á Luz* – BNMV, *Carteggio Araujo*, Ms. 12242, carta n.º 10, datada de 7-II-1904.

¹³ Vd. ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç. 1 (tb. in QUENTAL, 1957: 48-49).

¹⁴ Na carta para Albino F. Sampaio, que serviu de prefácio a *O Canto do Cisne*, Penha descreve essa *àpre nuit de travail*, de que falava também Verlaine, nos *Poèmes Saturniens*: PENHA, 1923: XXII-XXIII.

nos acervos das personalidades com quem o escritor manteve relações estreitas que vimos encontrar grande parte das missivas enviadas pelo vate bracarense, nomeadamente nos espólios de Joaquim de Araújo¹⁵, Antero de Figueiredo¹⁶, Teixeira de Queirós¹⁷, Eugénio de Castro¹⁸, Conde de Arnoso¹⁹, e outros arquivos avulsos²⁰, além de alguns exemplares esparsos em colectâneas já publicadas.

É assim através deste extenso conjunto de cartas (escritas ao correr da pena, com a ductilidade que lhe era tão característica) que surpreendemos algumas das declarações reveladoras de João Penha, pois embora lhe acusassem alguma preguiça epistolar (frequentemente tomada até como má vontade²¹), o certo é que, ao longo dos anos, a correspondência haveria de tornar-se no único meio de comunicação entre o autor e o meio literário nacional.

Vivendo em Braga, longe dos centros intelectuais e sem contactos estimulantes, o isolamento era palpável²², e como o próprio frequentemente se queixava, ao Minho não chegavam sequer muitos dos jornais da capital, com as polémicas que marcavam a actualidade²³. Sem outra alternativa, é portanto através das cartas que o escritor vai mantendo contacto com as esferas culturais, manifestando posições literárias, tecendo opiniões sobre companheiros de letras, assumindo enfim algumas das influências, nacionais ou estrangeiras, que se auscultavam na sua obra:

Nascido em pleno romantismo, todas as minhas inclinações eram, até ainda bem pouco tempo, para os escriptores d'essa epoca luminosa: o Hugo, o Alfred de Musset, Balzac, Dumas pae, Th. Gauthier, Flaubert, etc., e ainda hoje os leio, como uma recordação da infancia, como uma saudade. Dos actuaes, apraz-me a leitura de F. Coppée, e de Sully Prudhomme, divinos poetas parnasianos, e, de entre os prosadores: Anatole France, Marcel Prevost, Abel Hermant, o Lavedan, Bazin, Rosny, Jean Lorrain, etc. Mas, acima de tudo isso, e n'uma altura inacessivel, está, para mim, Shakspeare, o mais extraordinario genio dos tempos modernos (PENHA, 1923: XXIII)²⁴.

¹⁵ Espólio da Biblioteca Nazionale Marciana di Venezia, contendo 14 cartas de J. Penha.

¹⁶ Monumental espólio da Biblioteca Pública Municipal do Porto, incluindo volumosa correspondência de João Penha.

¹⁷ Espólio do Museu João de Deus, guardando 14 cartas de Penha.

¹⁸ Espólio da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, incluindo 3 cartas de Penha.

¹⁹ Espólio da Biblioteca Nacional de Lisboa, que conserva 32 cartas de J. Penha.

²⁰ Incluem-se neste grupo a colecção de Alberto Correia que a Biblioteca Pública Municipal do Porto adquiriu (com 9 cartas de Penha para Joaquim de Araújo), bem como os espólios avulsos da Biblioteca Nacional de Lisboa (onde se guardam 2 cartas de Penha para Bulhão Pato). Além destes, haverá também que ter em conta os epistolários privados, que permanecem interditos aos investigadores.

²¹ Vd. testemunho de Joaquim de Araújo: «Você, que eu amo enternecidamente, é para mim de silencias pavorosos!» (ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç. 9, f. 124-125). Também Alberto Pimentel se confessava magoado com a ausência de respostas às suas solicitações (ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 548, mç. 1, f. 9-10). Entretanto, Simões Dias tentava justificar o amigo: «O João não escreve, por preguiça, e não por descortesia» (ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç. 8, carta de Simões Dias para Joaquim Araújo).

²² Isso mesmo observa Antero de Figueiredo: «o meu amigo [...] vive inteiramente isolado, principalmente de artistas que são reles que não habitam em Braga [...]. De resto, João Penha foi um producto coimbrão. Em Braga é exótico» (ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 551, f. 148-149).

²³ Vd. BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1143(2), carta de 1896.

²⁴ Carta enviada para Albino Forjaz de Sampaio em 18-X-1906.

A Filinto Elísio, por exemplo, se refere como o «mestre de todos os escriptores brillhantes do seculo XVIII»²⁵, enquanto António Feliciano de Castilho (que Penha acolheu n' *A Folha*) é o «parnasiano que entre nós existia, antes do parnasianismo ter surgido no mundo»²⁶. Sobre Bulhão Pato vemo-lo tecer francos elogios²⁷, desclassificando em contrapartida Camilo Castelo Branco, que «não só não era mestre da lingua, mas até nem de grammatica sabia, satisfatoriamente»²⁸. Enquanto isso, o poeta dirige irónicos comentários aos *novísimos* da geração de 90, com quem se envolveu numa enérgica *Questão Literária*²⁹, considerando-os por isso «curtos de intelligencia e insolentes»³⁰. Delfim de Brito Guimarães (o principal opositor no conflito geracional) é aliás o nome mais sacrificado nas cartas que materializam a animosidade de Penha contra os nefelibatas³¹, mesmo se, à partida, os discípulos de Mallarmé lhe mereciam algum respeito³². Assim, encontramos os simbolistas descritos como «meia duzia de individuos, que voltados para os tempos idos, querem renovar uma litteratura que morreu de velha»³³, enquanto os decadentes aparecem pitorescamente classificados como poetas enfadonhos, capazes de provocar «abrimentos de boca que fazem desmanchar as mandibulas»³⁴.

Muitas destas missivas constituem, aliás, documentos importantes para a compreensão do modo como o escritor se auto-percepcionava:

Eu nunca me supuz um grande poeta, d'um enorme talento, artista impeccavel, e só ás vezes, comparando-me, me julgo melhor que muitos outros que andam na berra, e cujas produções eu não assignava, nem puxado por vinte juntas de bois. O que eu julgo de mim? é isto: sou o unico poeta humano d'este paiz, psicólogo, de certa importancia, do coração feminino. Quaes os meus intuitos? Aligeirar as horas tristes da vida, tocando viola, e cantando de modo que não faça adormecer os que por acaso me escutem. Isto que deixo escripto não é seguro; é apenas o que n'este momento me occorre ao bico da penna (MJD, *Espólio de Teixeira de Queirós*, mç. 30, carta datada de 6-VI-1909).

²⁵ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1157(1), carta de 13-I-1899.

²⁶ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1169(8), carta de 20-VIII-1904.

²⁷ «O Bulhão é um *charmeur*; lido o primeiro verso das suas composições ninguem para senão na ultima. Este hoje raro phenomeno verifiquei-o em mim mesmo, ainda não ha muito, com a leitura do *Livro do Monte*, e agora com a da *Dança Judenga*, soberba collecção de quintilhas, cheias de graça, de ironia, e, ás vezes, de algumas cousas mais: melhores, sob todos os aspectos, que as de Sá de Miranda» (BNL, *Espólios Avulsos*, Ms. 4333, carta de Penha para Bulhão Pato, datada de 23-V-1901).

²⁸ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1157(5), carta de Penha para Figueiredo, datada de 19-II-1899. Sobre esta indisfarçável desconsideração com Camilo, vd. também uma carta enviada a Alberto Pimentel (PIMENTEL, 1915: 71-72).

²⁹ Vd. especialmente a polémica em torno dos versos dodecassilábicos, compilada em PENHA, 1899: 89-164 e GUIMARÃES, 1898.

³⁰ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-F-1154(19), carta datada de 17-II-1898.

³¹ Vd. muitas das cartas enviadas para Antero de Figueiredo – e.g. BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1154(29), M-AF-1144(24) –, algumas das quais anexando poemas burlescos que o poeta jovialmente classificava como *delfineidas*.

³² «Como não sou polytheista, Mallarmé é, para mim, um falso deus. Respeito-o, porém, e aos seus sectarios, porque respeito todas as religiões – da arte» (UCBG, *Espólio de Eugénio de Castro*, cx. 15, carta datada de 17-IV-1890).

³³ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1157(6), carta datada de 8-III-1899.

³⁴ BNL, *Espólio 32*, Ms. 2722, carta de Penha para o Conde de Arnoso, datada de 3-I-1896. Também em carta para Antero de Figueiredo – BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(19), carta de 21-X-1897 –, o poeta considera Eugénio de Castro e a sua revista *Arte* profundamente maçudos, reconhecendo todavia mérito ao livro *A Sombra do Quadrante* – BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1172(3), carta datada de 30-XII-1906.

Os que ate agora tem escripto agarraram-se ao que elles chamam a technica, e julgaram ter cumprido os seus deveres de criticos. O que eu receio é que venham a chamar-me o João da Technica. Note que eu, pela alludida technica, não me distingo de milhares de poetas parnasianos, e não parnasianos, e é sob esse aspecto que eu posso ser assim classificado; isto é, como parnasiano. Parece-me, porém, que nos meus versos ha alguma cousa mais do que isso, e é justamente o que pode distinguir-me de qualquer outro poeta (BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1154(28)).

Sobre a sua relação com o movimento parnasianista, é especialmente relevante uma carta de Eça de Queirós, apresentando o companheiro à novidade que vinha de França, numa altura em que há muito circulava já *A Folha*³⁵. Aí se demonstra não apenas a confiança depositada no talento e criatividade de Penha, mas sobretudo a independência face ao *Parnasse Contemporain* e aos movimentos franceses, também reiterada numa outra carta a Joaquim de Araújo, onde a propósito da *República das Letras* (por si dirigida em 1875), o autor admite desconhecer inteiramente o homónimo periódico de Paris³⁶.

Assim, é ainda ao mesmo amigo que o poeta resume o papel incontornável da sua revista, no contexto mais vasto da Questão Coimbrã³⁷:

Já se anda na busca d'uma collecção da Folha, a qual, segundo o José Bruno, foi o explodir da mina. Antes tinha havido a chamada guerra coimbrã (na qual entrei) guerra puramente theorica, e que depois se poz em pratica na Folha. Todos os antigos assumptos foram pôstos totalmente de parte, e a fôrma passou a merecer os maiores cuidados por parte dos novos poetas (BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1182(5), carta de 19-IX-1913).

Tudo isto surpreendemos no *epitexto confidencial*³⁸ de João Penha. Através das cartas trocadas com alguns dos contemporâneos, é possível situá-lo como protagonista da cena literária finissecular, recuperando simultaneamente a caleidoscópica memória das circunstâncias humanas que marcaram o indivíduo por trás do escritor.

Entre estas sobressaem, no epistolário, numerosas alusões aos casos que o advogado competentemente trazia em mãos³⁹, esperando daí obter algum alívio ao desequilíbrio financeiro do seu agregado familiar, paulatinamente fustigado pela doença e pela velhice⁴⁰.

³⁵ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-4391(2), carta de Eça de Queirós para João Penha, s.d. (parcialmente publicada n' *A Chronica* – QUEIROZ: 1902, 10). Curiosamente, nesta carta, Eça considera Penha «o unico em Portugal, capaz d'introduzir a nova escola francesa», mesmo que, anos depois, se referisse às *Rimas* do antigo companheiro de Coimbra, em termos tão distantes e desdenhosos como os relatados por Alberto de Oliveira: «Impossível: aquilo não era poesia, era o 'reclame' do presunto de Lamego. Eu nem o li... Felizmente» (NOBRE, 1982: 129).

³⁶ BPMP, *Espólio de Alberto Correia*, M-COR-IV-83, carta de Penha para Araújo, s.d..

³⁷ Seria também interessante localizar a resposta a uma carta de Trindade Coelho, onde Penha é interpelado acerca do posicionamento d' *A Folha*, na cena literária de 70: COELHO, 2008: 163-164.

³⁸ Em *Seuils*, Genette distinguia dois grandes grupos de documentos privados: «l'építexite *intime*, où l'auteur s'adresse a lui-même» e «l'építexite *confidentiel*, où l'auteur a pour destinataire un [...] confidente», (coincidindo este sobretudo com a correspondência de um escritor) – GENETTE, 1987: 342.

³⁹ Sobre os conceituados méritos forenses de J. Penha, vd. cartas de Queirós Ribeiro – ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 556, mç. 7.

⁴⁰ Além das doenças que afectavam a família – vd. BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(17), M-AF-1170(3) – sobressaem as referências a perturbações reumáticas e entorses que condicionavam o advogado, impedindo-o de

Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo, o poeta assume ser aliás o decano de uma vasta família⁴¹, com mais de onze pessoas a seu cargo⁴², incluindo sete irmãs solteiras, que lhe impunham vários constrangimentos, inibindo-o até de viajar. O certo é que, depois de Coimbra (1864-1873), João Penha nunca mais abandonou a terra natal.

Enraizado em Braga, onde se plantou como uma árvore⁴³, o poeta recolhia uma existência «serena e melódica»⁴⁴, como testemunham várias cartas de Antero de Figueiredo⁴⁵. E o mesmo amigo destacaria, ainda por carta, aquilo que considerava ser a principal qualidade humana de João Penha: «a bonhomia com que vai levando a vida»⁴⁶, também realçada por Eça de Queirós:

Ah meu velho, de todos nos és tu o que tens juízo. Realizas o sonho, a visão, o azul em plena vida burguesa e constitucional. Nem sequer das ao mundo a importancia de te aborreceres n'elle. Creaste para teu uzo um romantismo sensato, em que te aproveitias dos idealismos de Werther e Companhia – sem o perigo de lhes cahir nos ridiculos (BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4391(2), carta de Queirós para Penha).

Esse «aburguesamento ditado pela necessidade»⁴⁷, que os amigos lhe apontavam como traço característico, poderia, de resto, coincidir na desafecção com que sempre enfrentou a vida. João Penha definia-se como um ser contemplativo⁴⁸, mas a ligeireza com que encarava o mundo impedia-o, por exemplo, de se interessar pela política ideológica e partidária⁴⁹, ou sequer aprofundar as questões metafísicas e religiosas⁵⁰.

A divertida candura com que chega a aplicar os ideais budistas à sua aversão por moscas⁵¹ só poderia aliás ser de um desassombro contrastante com a solenidade das declarações proferidas por tantos homens de letras que, na viragem do século, se aproximaram das doutrinas de Buda.

trabalhar – e.g. BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1163(2); M-AF-1157(6). A situação financeira tornar-se-ia de tal modo aflitiva que, por volta de 1917, os amigos se encarregam de providenciar uma modesta pensão do Estado. Sobre este movimento de solidariedade, vd. correspondência trocada com Antero de Figueiredo (ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 551, f. 113-114 e 119) e Teixeira de Queirós (ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 547, mç. 9, f. 12-14, 15-17, 18-20 e 24-26).

⁴¹ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1157(14).

⁴² BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1180(4), carta datada de 29-IX-1912.

⁴³ Vd. BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1168, carta datada de 7-IV-1903. Sobre a relevância do tema da Viagem em João Penha, vd. PEREIRA, 2011.

⁴⁴ A expressão é de Guerra Junqueiro, em carta publicada por AZEVEDO, 1981: 222.

⁴⁵ E.g. ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 550, f. 19-20, carta de A. Figueiredo, datada de 15-II-1896: «Por mais que eu pergunte a quem vem d'ahi noticias suas ninguem m'as dá. Dizem-me que não o vêem, que o meu amigo nunca sahe de casa». Vd. tb. ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 550, folhas 25-26, carta de Figueiredo, datada de 6-XII-1896: «Aqui estou a saber da sua saude, pois às pessoas aquem d'aqui pergunto pelo meu amigo todos me respondem: – 'que não sabem, que ninguem o vê'».

⁴⁶ ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 550, ff. 95-96, carta de Antero de Figueiredo, datada de 1-I-1898.

⁴⁷ Vd. carta para Albino Forjaz de Sampaio – PENHA, 1923: XXI.

⁴⁸ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1175(5), carta de A. Figueiredo datada de 9-IX-1909.

⁴⁹ Vd. especialmente BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1173(2), carta datada de 25-XI-1904: «Desde que nasci ate ao dia d'hôje vivi sempre, como artista que sou, estranho à politica [...] nem sequer [...] dei o meu voto a pessoa alguma, nem mesmo a meu irmão Manuel, quando, por duas ou tres vezes, se propoz a deputado por Braga!».

⁵⁰ A este propósito, sobressai na correspondência o lado mais ritualisticamente burguês da sua superstição, quer no apego a amuletos (BNL, *Espólio 32*, Ms. 2726, carta enviada para o Conde de Arno em 16-V-1900), quer ainda num misto de ironia e receio pela figura folclórica de Satanás – BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(15), M-AF-1154(14).

⁵¹ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1170(2), carta datada de 29-VII-1905.

João Penha foi um homem simples e pragmático, surpreendentemente coerente nas incongruências da sua biografia; homem de hábitos modestos⁵² e prazeres sensoriais. As suas cartas apresentam-no como colecionador de gravuras e águas-fortes⁵³, apreciador das delícias gastronómicas (tantas vezes celebradas nas suas poesias⁵⁴) e um irremediável amante de belas mulheres.

Ao longo dos anos, vão sendo recorrentes no seu epistolário os arroubos das paixões, acumulando-se na correspondência indiscretas referências a episódios donjuanescos e outros tantos nomes de amadas⁵⁵. Mesmo septuagenário, podemos ainda ver o poeta enamorado por certa moça gentil, sobre quem exercita a sua sedução, escrevendo cartas em verso que acabariam a inspirar o livro das *Últimas Rimas*:

meu novo livro de versos [...] já vae mais além da sua primeira metade. Para que sahisse com mais sentimentalidade do que os Echos, propuz um flirt a uma pequenita, que bem podia ser minha neta e que o acceitou da melhor vontade. Um dia sim, outro não, mando-lhe uma composição, ou carta de namoro, em verso, visto ella ser uma deusa, e o verso ser, como sabes, a linguagem dos deuses (MJD, *Espólio de Teixeira de Queirós*, mç. 30, carta de 18-VII-1915).

E assim, por vezes, é justamente nos bilhetes mais íntimos que se escondem as peripécias por trás de certos poemas, desde arrufos que ditaram composições despeitadas nas *Novas Rimas*⁵⁶, até às referências explícitas sobre o contexto de composição⁵⁷ ou a intencionalidade autoral⁵⁸ de tantos outros carmes.

Neste sentido, e embora o epistolário pertença à *exogénese* (DIAZ, 1999: 14), colocando-se à margem dos documentos directamente relacionados com o processo de escrita, o seu material pode constituir também um relevante instrumento da genética comentada, conforme salientado por Gérard Genette:

⁵² A este propósito, vd. a descrição que Alberto Pimentel faz da rotina do poeta em Braga, destacando a assiduidade com que ao fim do dia visitava a confeitaria do Anacleto, para satisfazer a gulodice por bolos finos (PIMENTEL, 1894: 18-19).

⁵³ Sobre a sua coleção de gravuras, vd. as seguintes cartas: BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1196 (5), (6), (8) e (9). Em Setembro de 1918, J. Penha propunha-se brindar o amigo com 30 águas-fortes, em troca de auxílio na publicação das *Últimas Rimas*, desabafando: «o mesmo é que arrancar-me os proprios dentes, mas nunca, deixei de cumprir aquillo que prometto» – BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1196(5).

⁵⁴ Vejam-se, por exemplo, as iguarias que Antero de Figueiredo remetia ao amigo, através do correio, desde sardinhas de Espinho – BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-F-1175(5), carta datada de 9-IX-1909 – até aos célebres paios que lhe ditaram a fama literária – BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1164(1), carta datada de 13-VII-1902. De resto, o nome de João Penha tem sido injustamente reduzido a esta tendência algo saloia com que muitas vezes resolve o lirismo das *Rimas*, exorcizando a frustração amorosa através da sensualidade do vinho, do paio e do presunto.

⁵⁵ E.g. ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 558, mç. 14, f. 5-8, carta de José de Lima Brandão. Vd. tb. referências às amadas Laura Lopes, Zulmira de Melo (e.g. ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 555, mç. 1, f. 6, carta de Luiz da Silva) e Palmira Lacerda (BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(17), carta datada de 08-X-1897).

⁵⁶ ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 555, mç. 1, f. 140-141 e 143-144, cartas de Luís da Silva.

⁵⁷ E.g. BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1142(2) – para o soneto «Fl» –, BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-COR-I-32 – para o soneto «Novo Petrarca» – e ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç. 9, f. 40-41 – para o sonetinho «A um renegado».

⁵⁸ E.g. BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1144(16), carta datada de 25-IX-97 (comentando a motivação que ditou o polémico prefácio da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*); BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1175(9), carta datada de 4-XI-1909 (em que o poeta explica detalhadamente o que intentou fazer no soneto dedicado ao amigo); ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç.12, f. 21-22, carta para Alberto de Madureira (aludindo à intencionalidade do soneto «Ao poeta X»).

on peut utiliser – et c’est bien ce que font les spécialistes – la correspondance d’un auteur (en général) comme une sorte de témoignage sur l’histoire de chacune de ses oeuvres: sur sa genèse, sur sa publication, sur l’accueil du public et de la critique, et sur l’opinion de l’auteur à son égard à toutes les étapes de cette histoire. [...] inversement, [...] la correspondance peut aussi témoigner d’une non-naissance: oeuvres avortées dont ne subsistent parfois que ces traces indirectes, et quelques ébauches (GENETTE, 1987: 344).

No caso de Penha, e além das referências à projecção de obras e composições apenas ensaiadas⁵⁹, são especialmente valiosas as alusões ao processo editorial que rodeou alguns dos seus livros. Através das cartas, ficamos assim a conhecer incidentes que afectaram o volume *Echos do Passado*, desde a alteração de planos relativamente ao prefácio⁶⁰, até ao incumprimento do índice remetido pelo autor⁶¹, passando pela impressão de composições que o poeta excluía das provas⁶² ou o extravio de outras que os tipógrafos nunca chegaram a compor⁶³. De resto, a concretização deste livro andou rodeada de vários problemas, abundando no epistolário as queixas do escritor contra o aspecto gráfico descuidado⁶⁴ ou a parca e ineficaz promoção comercial que se lhe seguiu⁶⁵.

Graças à correspondência, podemos ainda seguir, por exemplo, as atribuições do livro póstumo (que Albino Forjaz de Sampaio intitulou *O Canto do Cysne*), acompanhando alguns dos entraves levantados pelos editores, desde a compra do manuscrito⁶⁶, até ao eclodir da Grande Guerra e o consequente adiamento da publicação⁶⁷.

Por outro lado, muitos destes documentos são de inegável valor testemunhal numa edição crítico-genética, ao permitirem também acompanhar o próprio itinerário de criação dos textos. Numa altura em que os meios de comunicação à distância eram ainda incipientes, a carta surge naturalmente como instrumento difusor de composições em circuito privado⁶⁸, mas igualmente como meio disponível para o envio de textos à imprensa. Neste sentido, as cartas contêm muitas vezes correcções ou acrescentos de

⁵⁹ E.g. ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 557, mç. 1, f. 8-9, carta de Alberto Braga (aludindo a duas obras projectadas por Penha: *Memórias de Um Estudante e Canção das Noites*); BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1157(3), carta datada de 10-II-1899 (aludindo ao projecto das *Memórias de Um Estudante de Coimbra*); BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1157(14), carta para A. Figueiredo (aludindo a duas composições idealizadas para o livro *Por Montes e Valles*); BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1196(12), carta datada de 29-X-1918 (referindo-se às *Folhas de Outomno*, depois publicadas com o título *Ultimas Rimas*).

⁶⁰ BPMA, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1180(2); M-AF-1182(3).

⁶¹ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1182(5); M-AF-1185(6).

⁶² BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1182(7), carta enviada para Antero de Figueiredo em 22-IX-1913, dando instruções para que se eliminasse o poema «As duas irmãs».

⁶³ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1185(6), carta datada de 23-IV-1914.

⁶⁴ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1186(8), carta datada de 22-VII-1914: «A edição, pelo seu aspecto, é feia como bicho. E pelo seu interior, talvez não seja mais bella».

⁶⁵ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1186(11); M-AF-1185(8). Nesta última missiva, datada de 18-VII-1914, Penha ameaça instaurar uma acção de indemnização de perdas e danos pela ineficaz divulgação da sua obra.

⁶⁶ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1196(2), carta datada de 17-VII-1918 (onde se lê que a venda do manuscrito fora negociada por João de Barros, à razão de 80 escudos).

⁶⁷ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1193(2), carta datada de 2-VII-1917.

⁶⁸ Vd. e.g. cartas de Penha para Figueiredo: BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1154(7), M-AF-1154(22), M-AF-1154(29), M-AF-1156, M-AF-1157(7), M-AF-1182(2), M-AF-1189(3). Sobre esta matéria, vd. o nosso artigo: PEREIRA, 2012.

última hora, podendo mesmo falar-se de uma *genética em diálogo* ou *em colaboração*⁶⁹, quando o poeta escreve a Alberto de Madureira⁷⁰ e Antero de Figueiredo⁷¹, dando instruções precisas para a alteração de composições entretanto já submetidas, ou ainda quando os editores tentam condicionar determinado texto, sugerindo modificações em passagens mais arrojadas⁷².

A estas, acrescentaríamos ainda muitas outras cartas de João Penha, protestando contra as gralhas tipográficas que mutilavam as suas composições⁷³, ou aludindo a textos publicados sob pseudónimo⁷⁴, que de outro modo dificilmente se lhe poderiam atribuir.

Por tudo isto, concluímos sem dificuldade que, enquanto auxiliar de arquivo ou como testemunho documental, a correspondência de João Penha – como a de muitos outros autores – oferece um inesgotável repositório da memória polifónica do escritor, conservando informações preciosas para a reconstituição de uma Obra e de todos os circunstancialismos que a rodearam. Nos vários epistolários disponíveis, encontramos, em suma, múltiplas possibilidades para o estudo da época e para a edição crítica dos textos literários:

[Os investigadores] têm, por isso a certeza de que, explorando esse lugar suspeito que o acto epistolar habita, a biografia do autor e a biografia da sua obra e da sua época ficam necessariamente mais iluminadas (SILVA, 1996: 15).

BIBLIOGRAFIA

- ANÓNIMO (1893a) – *Portugal no Estrangeiro*. «Novidades», n.º 2679 (3 de Janeiro). Lisboa: [s.n.], p. 3.
 ANÓNIMO (1893b) – *Portugal no Estrangeiro*. «Novidades», n.º 2686 (11 de Janeiro). Lisboa: [s.n.], p. 1.
 AZEVEDO, Manuela de (1981) – *Guerra Junqueiro: a Obra e o Homem*. Lisboa: Arcádia.
 BOSSIS, Mireille, coord. (1990) – *L'Épistolarité à Travers les Siècles: Geste de Communication et/ou d'Écriture*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag.
 BUISINE, Alain (1984) – *Préface*. «Revue des Sciences Humaines: Lettres d'écrivains», n.º 195. Lille: Faculté des Lettres et Sciences Humaines.

⁶⁹ DIAZ, 1999: 14.

⁷⁰ ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç. 12, f. 48-49, carta para Alberto de Madureira, remetendo ao editor da *Novos e Velhos* um acrescento de última hora para o poema «Versos á Carmen».

⁷¹ BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1154(2); M-AF-1154(3) – contendo instruções para a composição de um artigo no jornal *A Tarde* –; M-AF-1162(2) – emendas de última hora para o poema «Os olhos de Laura», na revista *Brasil-Portugal*.

⁷² BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-2534(3), carta de H. Lopes de Mendonça para J. Penha, datada de 19-X-1906. O editor sugere a alteração de um texto enviado para a revista *Serões*, motivada pelo «escrupulosissimo decoro» desta revista burguesa.

⁷³ Apenas alguns exemplos podem ser encontrados nas seguintes cartas: BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1163(1) – apontando as deturpações do jornal *Echos da Avenida*, na transcrição do seu poema «Pedalista» –, M-AF-1189(1) – reclamando contra as deturpações do jornal *O Século*, no soneto «Desesperança» –; ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç. 12, f. 6, carta para Alberto de Madureira (reclamando contra as perturbações que envolveram os poemas «O golpe» e «Desesperança», na revista *Novos e Velhos*).

⁷⁴ Vd. referências a poemas publicados sob os pseudónimos *Josino*, *Almira* e *Cydalisa* – BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1164(2), carta datada de 14-VI-1902; ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 554, mç. 1, f. 86-87, carta de Alberto de Madureira –, ao pseudónimo *J. Rocha* (ADB, *Espólio de João Penha*, Ms. 546, mç. 12, f. 48-49) ou ao artigo satírico sobre as *soirées* da Sr.ª Pindella, assinado por Zi (BNL, *Espólio* 32, Ms. 2742; Ms. 2744 – cartas enviadas para o Conde de Arnoso).

- COELHO, Trindade (2008) – *Correspondência: 1873-1908*. Org. Hironidino Fernandes. Bragança: Brigantis.
- CRESPO, Gonçalves (1913²) – *Obras Completas*. Lisboa: Santos & Vieira.
- DIAZ, Brigitte (2011) – *Correspondances entre Écrivains et Éditeurs 18^e-20^e Siècles*. Présentation du Colloque, Université de Caen Basse-Normandie, 26 Mai 2011. Disponível em <http://www.epistolaire.org/correspondance_archives_creation.htm>. [Consulta realizada 04/03/2011].
- DIAZ, José-Luis (1999) – *Quelle génétique pour les correspondances?*. «Genesis: Revue Internationale de Critique Génétique», n.º 13. Paris: Jean Michel Place.
- GENETTE, Gérard (1987) – *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil.
- GUIMARÃES, Delfim de Brito (1898) – *A ‘Viagem por Terra’ do Sr. João Penha*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva.
- MONTEIRO, Adolfo Casais (1934) – *Introdução*. «Cartas Inéditas de Antonio Nobre». Org. Adolfo Casais Monteiro. Coimbra: Edições Presença.
- NOBRE, António (1982) – *Correspondência*. Org. Guilherme de Castilho. Lisboa, IN-CM.
- PENHA, João (1899) – *Por Montes e Valles*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão.
- PENHA, João (1923) – *O Canto do Cysne*. Paris/Lisboa: Aillaud e Bertrand.
- PEREIRA, Elsa (2011) – *Canções d’um vagabundo: João Penha e a viagem por terra ao país dos sonhos*. «CEM / Cultura, Espaço & Memória», n.º 1. Porto: CITCEM.
- PEREIRA, Elsa (2012) – *Hæc subtilis ars inveniendi: considerations of João Penha’s literary archive*. «Variants: The Journal of the European Society for Textual Scholarship», n.º 8. Amsterdam-New York: Rodopi.
- PIGLIA, Ricardo (1987) – *Respiração Artificial* (trad. Heloisa Jahn). São Paulo: Iluminuras.
- PIMENTEL, Alberto (1894) – *Poetas do Minho I: João Penha*. Braga: Cruz & C.^a Editores.
- PIMENTEL, Alberto (1915) – *Notas sobre o Amor de Perdição*. Lisboa: Guimarães Editores.
- QUEIROZ, José Maria d’Eça de (1902) – *Eça de Queiroz e João Penha: carta*. «A Chronica: Homenagem ao Insigne Poeta João Penha», n.º 63-64. Lisboa: [s.n.].
- QUENTAL, Antero de (1957) – *Cartas, Série I*. Lisboa: Couto Martins, 1957.
- ROCHA, Andrée (1985²) – *A Epistolografia em Portugal*. Lisboa: IN-CM.
- SILVA, Manuela Parreira da (1996) – *Prefácio*. «Fernando Pessoa: Correspondência Inédita», org. Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Livros Horizonte.

SIGLAS UTILIZADAS NA IDENTIFICAÇÃO DE FONTES DOCUMENTAIS

- ADB – Arquivo Distrital de Braga
 BNL – Biblioteca Nacional de Lisboa
 BNMV – Biblioteca Nazionale Marciana di Venezia
 BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto
 MJD – Museu João de Deus

